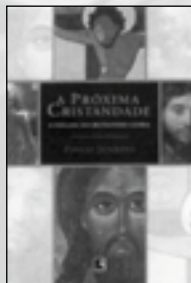


Visões do cristianismo

CARLOS CALDAS

CARLOS CALDAS
é professor da Escola
Superior de Teologia
e do Programa de
Pós-Graduação em
Ciências da Religião
da Universidade
Presbiteriana Mackenzie
em São Paulo.

A Próxima Cristandade.
A Chegada do Cristianismo
Global, de Philip Jenkins.
Tradução de Vera Ribeiro.
São Paulo, Record, 2004,
295 pp.



Estudos de religião sempre têm lugar na academia, não importa a língua em que sejam produzidos. Por isso mesmo, bons estudos são sempre bem-vindos. Nesse sentido, é mais que oportuna a publicação no Brasil de *A Próxima Cristandade*, do estudioso britânico Philip Jenkins, professor da Penn State University nos Estados Unidos, na área de História e Estudos de Religião. É autor prolífico, tendo vários outros textos, até o momento não disponíveis em português. *A Próxima Cristandade* teve excelente repercussão nos Estados Unidos: recebeu o prêmio de melhor livro do ano (Christianity Today Book Award) em 2003 na categoria “Cristianismo e Cultura”, concedido pela prestigiosa revista *Christianity Today*, e a medalha de ouro da Evangelical Christian Publishers Association como melhor livro de 2003 na categoria “Cristianismo e Sociedade”. O livro merece os títulos que recebeu. No Brasil, no entanto, não tem recebido (por enquanto?) muita atenção por parte de estudiosos da religião.

Jenkins escreve como historiador e sociólogo da religião. A tese que defende é, em si, simples por demais, podendo ser sintetizada nos seguintes pontos:

- 1) o cristianismo está se tornando uma religião cada vez mais globalizada;
- 2) o hemisfério sul (América Latina,

África ao sul do Saara e boa parte da Ásia) está cada vez mais cristão;

- 3) por enquanto, não há sinais de arrefecimento no ímpeto evangelizador e vigor missionário do cristianismo sulista, o que vale dizer que continuará a experimentar crescimento numérico;
- 4) o cristianismo sulista, dinâmico e crescente numericamente, é, salvo raras exceções, teologicamente conservador, ao contrário do cristianismo nortista (Estados Unidos, Canadá, Ilhas Britânicas e Europa continental), em grande parte secularizado e teologicamente liberal.

Este último ponto há de desagradar estudiosos do fenômeno religioso que desejam um cristianismo mais liberal em termos doutrinários. Jenkins argumenta para demonstrar como o liberalismo teológico tem se prestado apenas para o enfraquecimento do cristianismo. Caminha na contramão de estudiosos da religião que previam um colapso total para o cristianismo tradicional e demonstra que teses como a de John Spong, bispo anglicano de Newark (EUA) de posição teológica assumidamente liberal, na prática só se comprovam em uma grande cidade europeia ou norte-americana, mas, na perspectiva terceiro-mundista, simplesmente não são verdadeiras. Em 1988 Spong defendeu uma revisão do cristianismo em

moldes céticos e secularizados em um livro de título provocador: *Why Christianity Must Change or Die (Por que o Cristianismo Deve Mudar ou Morrer)*. Conforme Jenkins demonstra extensivamente, no sul pobre e esquecido do globo, o cristianismo conservador continua vivo, crescente, dinâmico, florescente e saudável. Acredita o autor que em um “futuro previsível porém a corrente dominante do cristianismo mundial emergente será tradicionalista, ortodoxa e voltada para o sobrenatural” (pp. 24-5).

Considerando que Jenkins, como já afirmado, escreve como estudioso do fenômeno do crescimento numérico do cristianismo, e não como teólogo, é possível que seu livro cause espécie para quem o leia em perspectiva de uma teologia sistemática conservadora. Isso porque o autor não se preocupa em falar sobre questões teológicas ou doutrinárias que dividem católico-romanos de protestantes e estes entre si. Jenkins é verdadeiramente minimalista em sua definição de cristão – para ele, cristão é quem se identifica como tal. Portanto, não faz diferença entre um cristão membro de uma igreja da “corrente principal” (*mainstream*) do cristianismo, como um luterano ou um anglicano, ou um membro da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, um adventista do sétimo dia ou até mesmo um membro de uma igreja independente africana.

Conforme o autor, o cristianismo nunca foi uma manifestação religiosa predominantemente norte-atlântica. De acordo com Jenkins, é falsa a visão do cristianismo como “uma ideologia branca ou ocidental, impingida ao resto de um mundo que não a desejava, sob os auspícios de galões espanhóis, soldados britânicos e televangelistas norte-americanos” (p. 33). Jenkins argumenta que sempre foi assim: “[...] na época da Magna Carta ou das Cruzadas, se quisermos imaginar um cristão típico, ainda deveremos pensar não num artesão francês, mas num camponês sírio ou num morador urbano da Mesopotâmia, num asiático, e não num europeu” (p. 44).

Ponto altamente positivo da obra é exatamente a atenção que dá ao sul do globo,

injustamente esquecido em muitos estudos de religião em termos mundiais. Conforme a elaboração de Jenkins, “[...] se quisermos visualizar um cristão contemporâneo ‘típico’, deveremos pensar numa mulher residente numa aldeia da Nigéria ou numa favela brasileira” (p. 16). Essa argumentação se repete ao longo do livro. Mais tarde, Jenkins afirmará: “[...] ao contrário do mito, o cristão típico não é um mandachuva branco dos Estados Unidos ou da Europa Ocidental, mas uma pessoa pobre – não raro, inimaginavelmente pobre, pelos padrões ocidentais” (p. 289).

Jenkins passeia com maestria e facilidade pela história do movimento missionário cristão. Ao fazê-lo, fundamenta muito bem sua argumentação com nomes bastante conhecidos de quem tem familiaridade com estudos na área da missiologia, como Andrew Walls, Kwame Bediako, Bengt Sundkler, David Barrett, Stephen Neill e Lamin Sanneh. Aliás, um dos pontos fortes do livro é exatamente a sólida fundamentação do autor, que faz uma pesquisa exaustiva e bem-feita. O autor de *A Próxima Cristandade* é sem dúvida extremamente bem informado. Encontram-se no livro dados minuciosos sobre a história da expansão cristã e do crescimento numérico do cristianismo em praticamente todo o planeta. Nessa seção de seu livro, o autor demonstra como, desde seus primórdios, o cristianismo tem vocação globalizante. Jenkins chama a atenção do leitor para um fato que talvez seja intrigante para alguns: o cristianismo, mesmo tendo chegado a diversas regiões do sul do globo por via do colonialismo europeu, fincou raízes sólidas nessas novas terras. Várias dessas nações, especialmente no continente africano, ao lograr sua independência política das matrizes colonizadoras européias, não abrem mão do cristianismo.

Jenkins entende que a razão do sucesso do cristianismo está em sua capacidade de “adaptação a tradições e padrões de pensamento locais, de tal modo que o cristianismo africano tornou-se quintessencialmente africano, o cristianismo coreano, rigorosamente coreano, e assim por diante” (p. 185).

Outra curiosa tese defendida em *A Próxima Cristandade* é quanto à importância da atuação de imigrantes e missionários cristãos sulistas, tanto para a contínua expansão da fé cristã (p. 150), como também para a revitalização do cristianismo norteamericano (p. 139).

Jenkins algumas vezes lança mão de recurso que, não raro, tem sido ignorado por não poucos estudiosos de religião: o uso da literatura como instrumento de compreensão do cristianismo e seu impacto nas terras onde este tem se inserido. Vários autores são citados, sendo a maioria deles virtualmente desconhecida do leitor brasileiro. Dentre tantos, podem-se citar: *The Poor Christ of Bomba* (Mongo Beti), *Arrow of God* e *Things Fall Apart* (ambos de Chinua Achebe), *The River Between* (Ngugi wa Thiong'o), e outros mais. O único autor africano citado por Jenkins que talvez seja conhecido do público brasileiro é o dramaturgo nigeriano Wole Soyinka, ganhador do Nobel de Literatura em 1986. Jenkins cita a peça *The Trials of Brother Jero*, de Soyinka. Ao lançar mão desse recurso, Jenkins apresenta interessante inovação, que destaca a importância da literatura como ferramenta auxiliar para o estudo de religião.

Não há dúvida de que a obra de Jenkins merece altos encômios. Mas não é de modo algum isenta de críticas. Percebem-se pontos problemáticos em seu texto. Exemplo: ao comentar sobre o explosivo crescimento do pentecostalismo brasileiro, Jenkins afirma que a Assembléia de Deus tem cerca de 12 milhões de membros em nosso país. É muito pouco provável que essa igreja tenha de fato tantos membros. Em síntese: que o pentecostalismo brasileiro é grande ninguém duvida. Mas os pentecostais não crescem como *gremlins*, como o texto de Jenkins algumas vezes dá a entender. O que sem dúvida é equívoco de Jenkins é sua afirmação, na página 95, quanto à Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) – o pesquisador declara que essa igreja é proprietária de “seu próprio partido político e de um clube de futebol no Rio de Janeiro”. Jenkins acrescenta que, “no contexto brasileiro, o time de futebol deve ser o ativo mais

valioso em termos de influência política”. Decerto, o autor não sabe que o Aleluia Futebol Clube da Iurd apenas disputou a segunda divisão do campeonato estadual do Rio de Janeiro. A observação de Jenkins é a típica conclusão tirada a respeito do Brasil por um observador estrangeiro fora do país, conclusão esta baseada mais em um estereótipo mundialmente conhecido da cultura brasileira que em uma pesquisa propriamente. Também, com referência a um suposto partido político do grupo: até o momento do lançamento do livro de Jenkins (tanto a edição norte-americana quanto a versão brasileira) a Iurd tinha membros como integrantes do Partido Liberal (PL) e do Partido da Frente Liberal (PFL), mas não um partido político propriamente. Outro ponto passível de críticas está no oitavo capítulo (“A Próxima Cruzada”), quando Jenkins se permite fazer exercícios de futurologia. Ele parte de uma constatação um tanto óbvia, qual seja, a existência de conflitos religiosos, muitas vezes associados a questões étnicas e tribais (evidentemente, no caso de nações africanas). A partir daí, fica a impressão de que o autor deixa de lado a sobriedade que até então o acompanhara, e literalmente dá asas à imaginação. Jenkins imagina que poderão acontecer atos de violência anticristã contra cidadãos malásios ou indonésios, que são etnicamente chineses (algo que, efetivamente, já tem acontecido). A novidade criativa de Jenkins está em imaginar a poderosa República Popular da China, marxista maoísta, assumindo “o papel de protetora ultramarina dos chineses em toda parte, intervindo para salvar seus parentes de serem trucidados por milícias muçulmanas. O protetor e padroeiro natural das comunidades cristãs da Ásia, nos anos vindouros, talvez não sejam os Estados Unidos, a Grã-Bretanha ou a Austrália, mas a China anti-religiosa” (p. 257). Parece que Jenkins vai longe demais em seus arroubos de futurologia.

Mas a obra em seu todo merece indubitavelmente avaliação positiva. Estudiosos de religião (particularmente do cristianismo) no Brasil não poderão ignorar *A Próxima Cristandade*.

